

Sumário analítico

I. Tese: semelhança e conformidade. Como se dilacera a semelhança?	17
O duplo regime da imagem	19
Aquele que dilacerou a semelhança e a tornou dilacerante. Duplo sentido da experiência e duplo regime da imagem em Bataille: focalizado-fixo, centrífugo-móvel. Crítica do iconografismo. Rumo a um gaio saber da imagem.	
Documentos visuais do gaio saber	22
<i>Documents</i> : uma revista de arte começa a partir do momento em que não oferece mais o sentido, mas as tarefas das imagens. Desmontagens teóricas e montagens figurativas. Bataille antiformalista? Rumo a uma contra-história da arte.	
A antropologia das formas	24
“Belas-artes” e “etnografia”: fatos inquietantes para criticar as formas, formas irritantes para criticar os fatos. Vanguardas artísticas e vanguarda nas ciências humanas: nem academicismo nem positivismo.	
Como se transgride a forma?	27
Transgressão não é recusa. Revirar, deslocar, transformar: quando transgredir a forma é produzir formas transgressivas. Quando a noção de informe produz semelhanças desclassificantes, cruéis, dilacerantes. Espacialidade do informe.	
A tese tomista em face da antítese batailliana	30
Enunciado da tese no senso comum e na filosofia tomista: a semelhança como conformidade. Uma estrutura de mito (a semelhança divina do homem) e uma estrutura de tabu (o intocável por excelência). Hierarquias teológicas da semelhança.	
Questão de semelhança: questão de contato	37
Onde Bataille toca no tabu da semelhança: onde a matéria toca na forma. Impor nas formas a “insubordinação material dos fatos”. Onde semelhanças por excesso nos tocam e nos olham.	
II. Antítese: as “formas concretas da desproporção”, ou a decomposição do antropomorfismo	45
Dilacerar, fazer tocar	47
As semelhanças por excesso: relações “irritantes”. Dilacerar as palavras, os conceitos, os aspectos. A antítese sem reserva e o estilo de Bataille. Quando dilacerar é fazer tocar.	

A questão da figura humana	50
O antropomorfismo como “semelhança do mesmo”. O que é uma “semelhança do outro”? O que é abrir um aspecto? O <i>corpus</i> de <i>Documents</i> : aberturas visuais e “formas concretas da desproporção”. Diferenças que colam, semelhanças que gritam.	
A derrisão do antropomorfismo	54
Conveniências antropomorfas: retratos de grupos burgueses ou surrealistas. Das formas derrisórias aos fatos selvagens: a introdução das semelhanças cruéis. Corpos brancos, corpos negros. Corpos vivos, corpos simulacros.	
A desproporção no antropomorfismo	66
A diferença por excesso: o primeiro plano predador. Boca e dedão do pé. Para além da estética do detalhe. A “baixa sedução” e o arrombamento visual do informe. Uma imagem capaz de transgredir a imagem.	
O desmentido do antropomorfismo	75
O documento como visão do real e “desmentido violento”. A figura fora de si. Modelo sintomal contra modelo semiológico clássico, modelo estésico contra modelo estético clássico.	
O corte no antropomorfismo	81
Imagens de abatedouro e imagens de teatro: corte-sacrifício e corte-artifício. Quando fazer imagens é talhar nos corpos. Coreografia das semelhanças cruéis: dança sagrada e desfiguração.	
Tocar no nervo da fobia	87
Ainda o corte: o olho tocado, talhado, retalhado, devorado. Sedução e horror. Onde Bataille toca no nervo da fobia do tato. A incorporação das semelhanças e a voracidade das imagens.	
A espacialidade atacada e transformada	94
Fenomenologia da voracidade espacial. Diferença, semelhança e transformação. As formas espaciais da experiência em Bataille. A articulação do patético (dramatizar) e do morfológico (dar forma)...	
A devoração do antropomorfismo	102
Um peixe devora seu congêneres: uma forma que produz seu semelhante, desproporciona seu semelhante e incorpora seu semelhante. Motivos do rosto, da cabeça e da máscara. Um catálogo de contra-“Figuras humanas”. A face de Deus desclassificada.	
A massificação do antropomorfismo	109
A semelhança de coisa. Cabeça, coisa, caos. Massa e máscara. Da pedrinha ao “Primeiro Homem”: o arcaico e o contemporâneo, o não ocidental e o não artístico. “Resíduos supremos” e “máscaras de matéria”.	
O excesso e a falta de carne	121
O que quer dizer “rosto comido”. Contato e contraste: cabeça-crânio e rosto cheio demais. Grotesco e trágico. Trabalho da carne e trabalho da morte. O revestimento disforme e a descarnadura do rosto.	

O esfolamento do antropomorfismo	128
A semelhança supliciada. Formas míticas e formas triviais da decomposição: deuses e criminosos. O olho e a desgraça. Agarrado, esfolado: o contato voraz e a bancada sacrificial. O jogo da crueldade: olhar em frente, ter medo por dentro. O sacrificado asteca.	
O esmagamento do antropomorfismo	146
O informe por excelência. O processo em que a forma se sacrifica: abertura, esmagamento, aglutinação, incorporação. Quando o que não se assemelha a mais nada retorna ao semelhante. Desvios da natureza, desvios da pintura: a semelhança por excesso e o poder do lugar.	
O desastre no antropomorfismo	163
Formas do desastre. Motivo do afogamento: a “Figura humana” sob o domínio do lugar. A derrocada, o escarro, o informe. A alma amontoada e a animação da imagem. O desejo de olhar de frente o luto de nossa “Figura humana”.	
III. Sintoma: o “desenvolvimento dialético de fatos tão concretos quanto as formas visíveis...”	
A metamorfose das formas	197
Como nomear a decomposição não absoluta da “Figura humana”? A violência como trabalho. A questão da dialética. Humanidade e animalidade. A metamorfose como possibilidade do “fora de si”, transformação patética e estrutura do devir...	
O vai e vem das formas	207
Engendramento e ajuntamento materiais das formas antitéticas. As formas postas em movimento. O aspecto como processo “surpreendente” e como pivô de reviravoltas. As duas seduções e os dois rostos: “oral” e “sacral”.	
A repercussão das formas	215
Formas reunidas, desconjuntadas, desconjuntantes. Choques e ricochetes: como a imagem decompõe a imagem. O contato e o tempo. “Presença real” e acidente da forma. Aspecto visível, aspecto visual. O estilo, o dispêndio e o informe.	
Uma dialética “herética”, ou como emitir a hipótese	233
Entrada do informe e entrada da dialética: a hipótese de uma dialética das formas. Um valor de uso herético e heurístico. O “materialismo maniqueísta” de Bataille “em matéria de forma”. O inconciliável e o inseparável.	
Uma dialética “negativa”, ou como abrir a filosofia	246
O debate de Bataille com Hegel. Risco e sedução dialéticos. O prego, que fixa e que abre. Um “anti-hegelianismo dialético”? O trabalho do negativo. Valor de uso teórico da “dialética das formas”: a filosofia fora de si mesma.	

- Uma dialética “regressiva”, ou como ver nascer uma imagem** 263
 Mal-estar na representação filosófica. O que é um pensamento produzido por imagens? O jogo: gaio saber, manipulação, simulacro e crueldade. Transgressão e regressão: o tempo para ver nascer uma imagem. Bataille com Freud.
- Uma dialética “alterante”, ou como iniciar em arte** 278
 A questão da arte “primitiva”. Realismo visual e realismo intelectual segundo Luquet. A objeção de Bataille. A infância da arte já é dialética. Compor decompondo. A noção de alteração: dialética do rastro e dialética da semelhança.
- Uma dialética “emaranhada”, ou como pôr os desvios em contato** 294
 O que é um desvio na forma? O contato alterante da matéria: aquilo que, na forma, sacrifica a forma. O materialismo de Bataille é um formalismo dialético. De que um homem é feito e a que ele se assemelha. O contato alterante de forma a forma. Dialética da invasão.
- Uma dialética “concreta”, ou como tornar as formas intensas** 305
 Questão de dialética, questão de montagem. A forma-síntese segundo Galton: abstrata, perfeita e fraca. O acionamento concreto da dialética segundo Eisenstein. A conferência na Sorbonne e a intervenção de *Documents*. A montagem concreta, alterante, intensa: da forma-síntese à forma-sintoma.
- Uma dialética “extática”, ou como encarnar desejo e crueldade** 323
 Bataille com Eisenstein: duas heterologias da imagem. A dialética para além dos falsos dilemas estéticos. Montagem e “esplendor do efeito-imagem”. Os seis aspectos dialéticos: atração e conflito, imagem e pensamento, fantasma e documento (para além do sonhado e do observado: o primeiro plano), forma e desejo (encarnação, êxtase), crime e beleza (marca, abertura, crueldade), pulsão e construção (a metapsicologia da imagem: regressão e transgressão).
- Uma dialética “sintomal”, ou como tocar no mais baixo** 356
 A dialética sem síntese: forma, antiforma, sintoma. Estética e ontologia do sintomal: o sintoma e o estilo, o “culpado”, o inacabado. As formas tornadas doentes e o antropomorfismo dilacerado. O dente doente de Hegel: gaio saber e não-saber. A cratera do vulcão, a ascensão rumo à queda. A prova e a forma. Bataille com Freud, ainda. A experiência sintomal, “decisiva” e “impossível”.
- O duplo regime da imagem** 390
 Vontade de arte e vontade de sintoma: a desestabilização do campo estético. O que é a experiência? Dialética da forma e da prova, do símbolo e do sintoma. O jogo com o pior. Papel mata-moscas: o que cola não reconcilia. Matéria dos mortos e linguagem das flores: o informe e o ornamental. Imagem e dialética: Bataille, Benjamin, Warburg. A semelhança informe: a imagem abre.